

DO CONCÍLIO VATICANO II O DIRECTÓRIO CATEQUÍSTICO GERAL O CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA

NO MEDDI

Introdução

O novo *Catecismo da Igreja Católica* é a última intervenção do magistério em matéria de catequese e de educação da fé e tem como referência imediata o Concílio Vaticano II. Foi o Sínodo Extraordinário, a vinte anos do Concílio, que o propôs como *sugestão* e prende-se com a preocupação desse Sínodo de desenvolver e dar plenitude à actuação integral do Concílio.

Por outro lado, foi mesmo o debate conciliar a «recusar» a ideia de um catecismo universal, feito, porventura, imediatamente após a conclusão do evento conciliar. Os Padres conciliares manifestaram-se, pelo contrário, favoráveis a um directório (cf. CD 44); o que foi prontamente realizado em 1971.

Estas três referências delimitam o objecto próprio desta pesquisa: recuperar a *ideia de catequese desde o Concílio até ao Catecismo da Igreja Católica*. Existem ligações internas? Como se desenvolveu a autoconsciência da Igreja-magistério neste campo tão vital para a vida da Igreja?

A pesquisa terá por limite o facto de que, enquanto as indicações do *Directório Catequístico Geral* são claramente identificáveis (sendo um documento claramente orientado para a catequese), não se pode dizer o mesmo para os textos conciliares e para o novo Catecismo. Será necessária uma pesquisa que junte diversos documentos e leituras cruzadas. Indagar o conceito de catequese subentendido nestes três documentos oficiais significará, enfim, assumir

como pontos de interrogação o papel da catequese no interior de toda a acção da Igreja, as funções que lhe são confiadas e, portanto, a sua relação com a interpretação da Revelação. Significará também definir as relações entre a catequese e os destinatários e, em sentido mais amplo, a relação entre mensagem ou conteúdo da fé e pedagogia (educação da fé).

1. A CATEQUESE NO CONCÍLIO

O Concílio reflecte certamente as conquistas do movimento catequético da primeira metade do século. É opinião de todos os comentadores que a pesquisa da ideia de catequese própria do Concílio deve ser feita no interior de todo o grupo de documentos que a assembleia produziu mas, sobretudo, em ligação com todo o movimento pós-conciliar. Como felizmente foi indicado, o Concílio, no seu conjunto, é o novo catecismo ¹. Nos textos conciliares encontramos, além disso, alguns parágrafos que, embora brevemente, descrevem a catequese. É possível, pois, responder à pergunta objecto desta pesquisa pondo em confronto o conjunto dos três elementos.

Os documentos conciliares

Temos disponíveis três lugares de pesquisa. Primeiro, uma série de «indicações dispersas» sobre a importância da catequese, o lugar da comunidade e dos leigos. Depois, algumas preciosas indicações do documento *Christus Dominus*, destinado às funções dos Bispos e, por fim, a sugestiva reproposição do catecumenato no documento *Ad Gentes*. Mas a chave de leitura para compreendê-los é o documento *Dei Verbum*.

A dimensão catequística do Concílio

Recolhendo de forma ordenada os textos explícitos e implícitos extraídos dos documentos conciliares, tem-se, verdadeiramente, a impressão de se estar perante um *directório catequístico conciliar*.

¹ Afirmção «tecnicamente» inexacta mas plenamente sugestiva enquanto deixa transparecer as relações vitais entre acção catequística e o conjunto da pastoral e os seus objectivos; entre a vida da Igreja e a relação desta com o mundo.

Os textos falam, mais ou menos profusamente, do *sujeito* ², das *metas* ³, do *destinatário* ⁴, do *conteúdo* ⁵, do *método* ⁶, das *dimensões* da catequese ⁷, e da dimensão *psicopedagógica* da catequese ⁸.

Esta vastidão e fragmentariedade tiveram como consequência sustentar o impulso de renovação, mas também suscitar uma inevitável pluralidade de interpretações. Pesquisar o conceito de catequese neste sentido, torna-se empreendimento árduo e será necessário mesmo ligá-lo às interpretações dos textos «maiores».

O serviço dos bispos à catequese

Falando do dever dos bispos em relação à comunidade diocesana acena-se à catequese ⁹. Através dela propõe-se «*na sua integridade o mistério de Cristo, isto é, aquelas verdades que não se podem ignorar sem ignorar o mesmo Cristo. E ensinam-lhes o caminho que Deus revelou para ser glorificado pelos homens e estes conseguirem a bem-aventurança eterna*» (CD 12). A finalidade é, portanto, alcançar a comunhão com Deus, a salvação do homem (cf. DV 2). Isto vem mais bem definido no n.º 14 do decreto *Christus Dominus*, verdadeira síntese catequética. A finalidade do catecismo é a de «*fazer com que a fé, ilustrada pela doutrina, se torne viva, explícita e operosa nos homens*».

Neste parágrafo encontramos três afirmações relevantes.

A *finalidade* da acção catequética ultrapassa o ensino da doutrina cristã para melhor se definir como educação da vida cristã (torná-la consciente e operante). O tema não é tratado ulterior-

² O Papa: LG 18, CD 2; os bispos: LG 25, CD 11-14; os sacerdotes: LG 28, CD 30, PO 4.6; os religiosos: CD 30.35, PC 8.10.20; os leigos: LG 33.35, AA 2.6.10.24; pais e família: LG 41, AA 10-11, GE 3.

³ CD 14, GE 4, PO 6, AA 30.

⁴ CD 14, GE 8, AA 30, CD 30.

⁵ Cristo: CD 12; Igreja: LG 1-8, SC 2, AG 2, GS 40, OT 16, NA 4; o homem: CD 12.

⁶ Ligar verdade do Evangelho e circunstâncias da vida: PO 4, GS 41-43; pôr em evidência os valores humanos: CD 12-14, GS 46-90; o diálogo: CD 13, AA 31; uso dos meios de comunicação social: CD 13-14, AA 32, AG 26, IM 3.13-14.16.

⁷ Dimensões da Palavra, Tradição e magistério, dimensão litúrgica, eclesial (os documentos fundamentais).

⁸ CD 14, PO 22, AG 22.

⁹ Cf. nn. 11-14 de CD. Eles representam um dos lugares mais significativos para compreender a ideia de catequese do Concílio. A terminologia usada é «clássica»: os bispos devem ensinar; a catequese é chamada *doutrina cristã* ou *catecismo* ou *instrução catequética*, mas deixa transparecer significativas novidades conceptuais.

mente talvez porque não era objecto de debate. Todavia pode deduzir-se a necessidade de uma ampliação das funções e de uma nova organização dos conteúdos ¹⁰.

Em segundo lugar, toma-se «velada» posição sobre a disputada questão se a fé se pode pensar em termos evolutivos e, portanto, educáveis («se torne viva»). É difícil pensar como se deva entender a fé: qual o seu conteúdo específico, a sua génese e os factores que favorecem o seu crescimento; todavia, alguns comentadores sublinham a dimensão do envolvimento com a acção transformadora da realidade e, portanto, da ligação entre fé e história.

Por último, a afirmação segundo a qual se alcança este objectivo garantindo uma adequada instrução catequética. O texto aprofunda esta relação dando dela uma série de indicações pedagógicas. Antes de mais a referência às capacidades de recepção dos destinatários; depois, a referência à vida dos destinatários, à sua cultura e, de modo mais amplo, à sua vida quotidiana; em terceiro lugar, convidando a seleccionar um método apropriado.

Não são explicitados os termos em relação à idade e ao método. Em vez disso, está presente a preocupação de renovar o modo de apresentar a mensagem da Igreja. Convida-se expressamente a conjugar a mensagem evangélica com as situações da vida ¹¹. O princípio geral é que a doutrina cristã deve ser explicada com *«métodos apropriados às necessidades dos tempos, isto é, que respondam às dificuldades e problemas que mais preocupam e angustiam os homens»*. O texto, todavia, não motiva suficientemente estas afirmações. Como deve ser entendida? Como um problema didático-comunicativo, ou como um constitutivo da acção catequética? ¹²

Além disso, o texto apresenta, para este fim, as aquisições do movimento catequético sobre a recuperação da pluralidade das fon-

¹⁰ Explicitar-se-á no pós-Concílio: a iniciação à vida eclesial, à oração da Igreja, ao testemunho.

¹¹ Diz-se para interessar-se das «coisas terrenas e instituições humanas» da visão cristã sobre *«quanto valem a pessoa humana, com a sua liberdade e a própria vida corpórea; a família e a sua unidade e estabilidade, a procriação e a educação dos filhos; a sociedade civil, com as suas leis e profissões; o trabalho e o descanso, as artes e a técnica; a pobreza e a riqueza. Exponham, por fim, os princípios com que se hão-de resolver os problemas gravíssimos da posse, do aumento e da justa distribuição dos bens materiais, da paz e da guerra, e da convivência cristã de todos os povos»* (CD 12).

¹² Aqui encontramos um nó epistemológico de difícil solução. A questão abre o horizonte para os problemas não resolvidos do texto conciliar. Poderia ser entendido deste modo: que relação existe entre mensagem e destinatário de catequese?

tes. É ainda o número 14 que diz «[procurem que esta instrução] se baseie na Sagrada Escritura, na Tradição, na Liturgia, no magistério e na vida da Igreja». O regresso a uma pluralidade de fontes e, nomeadamente, às da Escritura e da Liturgia vem manifestar a maturidade que tinha conseguido o movimento kerigmático e sanciona a diferença e complementariedade entre ensinamento catequístico e ensinamento teológico. Porém a intuição deixa em aberto a questão didáctica: quais os critérios para a própria utilização das fontes? Porque foi esquecida a fonte da criação e a da história? Qual a relação entre conteúdo-idade evolutiva ou situações pastorais variadas? Qual o critério para a selecção quantitativa do conteúdo? Algumas respostas chegam-nos do conjunto do Concílio; pense-se na *Dei Verbum* e na *Gaudium et Spes*. Porém, a questão fica em aberto e foi fonte de uma pluralidade de interpretações.

Uma última indicação (ainda do n.º 14), rica de significado embora portadora de interrogações, refere-se à formação dos catequistas. Diz-se: «*adquiram perfeito conhecimento da doutrina da Igreja e aprendam teórica e praticamente as leis psicológicas e as ciências pedagógicas*». A «luta» dos catequetas e pedagogos católicos pelo superamento da desconfiança para com as «novas ciências» parece ter alcançado o seu objectivo. Posteriormente será necessário perguntar-se qual a ligação possível entre as duas disciplinas (doutrina eclesial e ciências humanas). Repropõe-se a questão da relação entre teologia e ciências humanas.

Pode afirmar-se que a natureza da catequese é o serviço à Revelação; ela é comunicação do desejo de Deus de levar o homem a encontrar-se consigo. A transmissão desta mensagem deverá favorecer as fontes bíblicas e litúrgicas e a acção catequística deve ter em conta a vida dos destinatários para favorecer a sua resposta de fé.

A reintrodução do catecumenato

Intuição feliz, fruto de atenta experiência, foi a reintrodução da antiga praxe de iniciação cristã e a restauração do catecumenato. O convite parece ser limitado aos países de missão; mas sabemos como, no pós-Concílio, foi estendido à Igreja universal através do *Rito para a iniciação cristã dos adultos* e como algumas Conferên-

cias Episcopais fez dele um ponto de referência constante para toda a prática pastoral.

A indicação principal encontra-se no número 14 do documento *Ad Gentes*¹³. Seguindo o enunciado deste texto encontramos algumas indicações úteis para a compreensão da natureza e das atribuições da catequese própria do Concílio.

A *finalidade* da acção catequística está descrita nos termos explícitos da vida cristã: a inserção no mistério pascal que nos permite viver o Evangelho, a celebração autêntica dos Sacramentos e o testemunho próprio da comunidade. Para atingir tal meta não é suficiente uma informação doutrinal: é preciso uma actividade catequística articulada e complexa. Antes de tudo a ampliação dos conteúdos que devem encarregar-se de educar também as experiências típicas da fé cristã: a vida comunitária, a oração, o testemunho. Em segundo lugar, para atingir tal fim, é necessário superar a organização estritamente escolástica da catequese e recuperar o conceito e a prática do catecumenato ou uma experiência adequada no tempo caracterizada pela formação da personalidade cristã ou como se dirá «aprendizagem da fé»¹⁴. Uma verdadeira e própria superação do *curso catequético*¹⁵. Além disso, afirma-se claramente que o sujeito agente, capaz de uma verdadeira iniciação e de um catecumenato apropriado, deverá ser a vivência

¹³ «Aqueles que recebem de Deus por meio da Igreja a fé em Cristo (LG 17), sejam admitidos ao catecumenato, mediante a celebração de cerimónias litúrgicas; o catecumenato não é mera exposição de dogmas e preceitos, mas uma formação e uma aprendizagem de toda a vida cristã, prolongada de modo conveniente, por cujo meio os discípulos se unem com Cristo seu mestre. Por conseguinte, sejam os catecúmenos convenientemente iniciados no mistério da salvação, na prática dos costumes evangélicos, e com ritos sagrados, a celebrar em tempos sucessivos (SC 64-65), sejam introduzidos na vida da fé, da liturgia e da caridade do povo de Deus. Em seguida, libertos do poder das trevas pelos Sacramentos da iniciação cristã, mortos com Cristo e com Ele sepultados e ressuscitados, recebem o Espírito de adopção de filhos e celebram com todo o povo de Deus o memorial da morte e ressurreição do Senhor... Esta iniciação cristã realizada no catecumenato deve ser obra não apenas dos catequistas ou sacerdotes, mas de toda a comunidade dos fiéis, especialmente dos padrinhos, de forma que desde o começo os catecúmenos sintam que pertencem ao povo de Deus. Visto que a vida da Igreja é apostólica, os catecúmenos devem igualmente aprender a cooperar activamente, pelo testemunho da sua vida e a profissão da sua fé, na evangelização e na construção da Igreja» (n. 14).

¹⁴ Cf. UCN, *Nota per l'accoglienza del catechismo per la iniziazione cristiana dei fanciulli e dei ragazzi*, Roma, 1991, n. 7 e E. ALBERICH, *Come e quando si diventa cristiani in Italia oggi. Per un ripensamento del processo di iniziazione cristiana in Orientamenti Pedagogici*, 193, 1986, 1, 102-113.

¹⁵ L. MEDDI, *Generare credenti. La complessa realtà pastorale della iniziazione Cristiana in Insieme Catechisti-Dossier*, 1991 (41), 2-14.

quotidiana da comunidade articulada numa pluralidade de serviços e ministérios. Neste texto experimenta-se a concordância entre os documentos conciliares *Lumen Gentium* e *Sacrossanctum Concilium*.

Não se faz menção directa do problema das fontes do conteúdo, nem da relação entre formação cristã e vida dos destinatários. Todavia parece muito densa a afirmação de que a catequese-catecumenato deve apontar para uma formação da vida cristã integral. Ela contém em si as questões inerentes ao acto de fé («aqueles que recebem a fé em Cristo») e à relação entre catequese e pastoral e, portanto, coloca-se no centro da questão da maturidade da fé e da possibilidade da sua educação.

Uma chave de leitura: a *Dei Verbum*

Entre os grandes documentos que assinalaram o Concílio e podem fazer entender muitas das suas afirmações é o texto dogmático sobre a Revelação. Nele encontramos a renovada visão da Revelação, da sua relação com a história e a cultura dos homens, o carácter dialógico e responsorial da fé e a pedagogia que dela deriva. Pode-se oferecer uma rapidíssima síntese ¹⁶ da reflexão actual sobre a interpretação dessa constituição conciliar. A ela uno as questões que são postas à catequese.

1. Segundo a *Dei Verbum*, a finalidade da Revelação deve ser compreendida de modo global: é a salvação integral do homem; a comunhão com Deus-Trindade que se torna energia para a transformação do mundo ¹⁷. Portanto, leva em si, intrinsecamente unidas, a dimensão do anúncio e a da realização concreta na história.

A partir deste documento a catequese interrogou-se sobre que medida faz parte da sua identidade, além do dever de transmitir a mensagem, a colaboração na construção do mundo novo. Neste contexto também a dimensão cognitiva seria pensada como serviço da experiência de salvação integral e a selecção dos conteúdos seria para ligar pedagogicamente com a vida, único lugar onde se pode

¹⁶ C. DOTOLO, *Sulle tracce di Dio. Lineamenti di teologia fondamentale*, EMP, Padova, 1992, 75-102.

¹⁷ Cf. E. ALBERICH, *Natura e compiti di una catechesi moderna*, LDC, Torino, 1972, 22.

fazer essa experiência. A dimensão existencial da verdade ou a questão da significatividade da mesma entram, por direito, na natureza da catequese ou são somente uma necessária referência didática?

2. A Revelação diz respeito à história no sentido que acontece e se compreende através do complexo enredo dos acontecimentos e, mais ainda, tende a fazer-se história, acontecimento, transformação do que existe. É, portanto, uma Revelação pensada continuamente no esforço de interpretação, porque os dados escriturísticos chegam ao homem «dentro» de uma cultura e não de modo asséptico ou «objectivo». Só depois desta pesquisa se poderá falar de atenção à objectividade da formulação escrita. Pelo contrário, o próprio texto-escritura, para ser entendido, tem necessidade de ser colocado em contextos semelhantes aos que lhe deram origem.

Insere-se aqui a questão da interpretação da Escritura e dos seus critérios (DV 12). Para a catequese, esta questão não é secundária. Investe a problemática das fontes, pelo menos, de dois pontos de vista: antes de mais nada, o modo de utilizar as fontes bíblicas (os critérios hermenêuticos, a quantidade, a relevância, a linguagem) e depois a questão sobre a função da criação e da história como fonte da Revelação e não só como destinatária dela.

3. A Revelação diz respeito à subjectividade humana. A humanidade foi compreendendo progressivamente os sinais da revelação e Deus fez-Se compreender no interior de uma paciente pedagogia. Cada nova geração encontra-se em situação de acolher a síntese da verdade (dimensão ontogenética) e também de re-explorar tipologicamente a génese da fé (dimensão filogenética). A isto corresponde a persuasão de que também a dimensão pedagógica é necessária e intrínseca à dimensão profética.

4. A Revelação é definida e entendida a partir da experiência de Jesus de Nazaré. A sua praxis e o conseqüente anúncio tornam-se ponto de referência para a compreensão última da Palavra de Deus e lugar interpretativo para ler os acontecimentos que a história gera quotidianamente. Neste sentido deve ser relido o cristocentrismo no actual confronto com as grandes religiões ou com os novos movimentos religiosos. O núcleo central, o conteúdo único da Revelação, não pode ser senão claramente cristocêntrico.

5. A Revelação acolhida gera uma comunidade que se torna a depositária mas, sobretudo, aquela que se responsabiliza por ela. Portanto, não pode haver só atenção científica para com a Revelação, mas acolhimento que leva à conversão-disponibilidade (a fé), na contínua inter-relação com a história das interpretações-acolhimento e as conseqüentes projectualidades de salvação que a comunidade dos crentes põe em comum. Uma interpretação solitária e apenas cognoscitiva pode soar a estéril, sobretudo para a própria comunidade cristã.

Na verdade estas incertezas sobre a identidade da catequese não desapareceram no pós-Concílio, antes geraram uma pluralidade de interpretações.

As coordenadas conciliares sobre a catequese

Em síntese: do exame dos textos mais importantes emergem algumas coordenadas interpretativas atinentes ao conceito de catequese, da natureza e das funções desta acção eclesial:

— A *finalidade* trinitária e, portanto, salvífica fez desenvolver a questão da ampliação do conteúdo da catequese e da sua relação com a vida do destinatário;

— a *natureza histórica* da Revelação liga-se ao problema da interpretação das fontes e à relação com a cultura do destinatário e com a pedagogia mais apropriada ao acolhimento da fé;

— a *natureza cristológica* coloca o problema do equacionamento dos conteúdos;

— a *natureza evolutiva* da fé coloca o problema da educação da resposta: as atitudes e as condições subjectivas para a mudança de mentalidade;

— a *natureza responsorial* da Revelação exige o repensamento da catequese como acção complexa que inclui, por um lado, a transmissão da fé e, por outro, a sua educação.

2. A CATEQUESE NO DIRECTÓRIO CATEQUÍSTICO GERAL

A opção feita ¹⁸ pelo Concílio em favor de um directório da catequese, que pudesse oferecer sugestões para a organização da ca-

¹⁸ CD 44 representa oficialmente esta tomada de posição «(Redijam-se)... um directório sobre a cura pastoral...».

tequese nos diversos países, de modo a serem respeitadas as exigências da inculturação da fé e da atenção aos contextos culturais e pastorais, começou a tomar corpo com a questão de saber a quem pertencia a compilação do «*Directorium catechisticum*». A Secretaria de Estado, em 1966, confiou o encargo à Congregação do Concílio (que desde 1967 se chamará Congregação do Clero), que cuidou das várias fases da sua elaboração, juntamente com a Congregação para a Doutrina da Fé a que se juntou, em 1970, uma comissão teológica.

A apresentação do texto

O *Directório Catequístico Geral* quer ser um documento para toda a Igreja. Porém, conhece bem os seus limites pelo que o termo «geral» não se opõe a situações culturais e pastorais particulares. A estrutura do documento dá logo a entender que se está diante de uma obra pensada em termos pastorais, mesmo se a última palavra parece que a tenham tido os teólogos. Depois de um capítulo sobre a situação da catequese no mundo (então) actual, segue-se uma parte em que se contextualiza a catequese no ministério da Palavra, uma parte sobre os critérios e os elementos essenciais da mensagem cristã; depois, uma série de indicações de metodologia e de organização pastoral da catequese: o método, a catequese segundo as idades, a pastoral do ministério da Palavra. Nesta apresentação atendo-me aos parágrafos que mais ilustram o pensamento do *Directório* sobre a natureza da acção catequística e sobre a organização dos conteúdos.

O ministério da Palavra e a Revelação

O texto oferece em «abertura» algumas indicações para compreender as duas coordenadas fundamentais da catequese já enumeradas nos textos conciliares: a Revelação e a fé.

Por quanto se refere ao aprofundamento da relação entre Revelação e catequese o *Directório* segue fielmente as afirmações da *Dei Verbum* sobre a natureza da Revelação e sobre a pedagogia divina. Deus comunica-Se por meio de acções e palavras (cf. DV 2); por isso a catequese, além de recordar as obras admiráveis de Deus, deverá assumir a tarefa da iluminação e da interpretação

da vida e dos sinais dos tempos, porque é «*neles que se actua o projecto de Deus para a salvação do homem*» (cf. DCG 11). A referência à história dos homens torna-se também uma chave de leitura para a apresentação do mistério de Cristo (DCG 12)¹⁹. O documento reconhece que a transmissão da Revelação está ligada e encontra o seu lugar vital na Tradição eclesial; por isso adverte os pastores a «*discernir com autenticidade as formulações e explicitações propostas pelos fiéis*» (cf. DCG 13). Parece portanto que, ao reler a *Dei Verbum*, o documento sublinha a relação entre Revelação e história de que a catequese se deverá encarregar a partir da natureza cristocêntrica da mensagem cristã e através da acção interpretativa da Igreja²⁰.

À Revelação corresponde a segunda coordenada: a resposta da fé. O texto, nos dois densíssimos parágrafos 15 e 16, ilustra a natureza da fé e a pedagogia necessária para ela. A fé é adesão livre ao Evangelho e é através dela que o homem chega a contemplar e gozar Deus, a iniciar desde agora a vida eterna na qual são reveladas as profundezas de Deus. Este aparente «cognoscivismo teológico» é imediatamente integrado e orientado novamente para a vida: a fé e a procura de Deus são necessárias para a descoberta da integral vocação do homem: ela «*guia ao discernimento da vontade de Deus a nosso respeito... e, dessa forma, orienta o espírito para soluções plenamente humanas*» (GS 11 e DCG 15).

A fé deve ser educada. O texto usa alguns termos alusivos: é *suscitada*, aprofundada na sua *adesão*, *conduzida* ao vivo conhecimento dos conteúdos da Tradição para fazer conhecer o significado do mundo e da existência humana. O modo mais expressivo à disposição do *Directório* para indicar esta dimensão dinâmica foi o termo *projecto*, usado seja para indicar a acção de Deus em favor da humanidade, seja o sentido profundo da resposta do homem. O texto, portanto, conhece a reflexão dos anos 60²¹ sobre a natureza «histórica» da fé e o carácter «evolutivo» da mesma no interior do mais complicado processo de maturidade humana.

¹⁹ Cf. «O Filho de Deus insere-Se na história dos homens... realiza definitivamente, nesta história, o seu projecto de aliança».

²⁰ «O ministério da Palavra tem o seu ponto de partida na Sagrada Escritura e na pregação dos Apóstolos, como são interpretadas pela Igreja, explicadas e aplicadas às situações concretas» (DCG 14).

²¹ Cf. J. MOURoux, *Io credo in te*, Morcelliana, Brescia, 1950.

Todavía este enquadramento não parece incidir significativamente em relação às indicações metodológicas sucessivas, o que faz pensar na existência de alguma resistência em assumir decididamente a educação da fé entre as atribuições da catequese.

A catequese na missão da Igreja

O segundo capítulo da segunda parte está centrado sobre a reflexão à volta da natureza da catequese, as suas atribuições e a sua colocação ao interior da missão pastoral da Igreja. Estes parágrafos (nn. 17-21) enfrentaram três questões: a relação entre a catequese e as formas de serviço da Revelação; a relação entre catequese e objectivos pastorais de cada comunidade e a finalidade específica da catequese no interior da comunidade.

O documento recupera, por um lado, o debate sobre a relação entre catequese e evangelização, na maneira de colocar a questão que se tinha desenvolvido nos anos 60²², e que tinha conseguido fazer entender a evangelização como facto concernente a todas as comunidades e não só aos países de missão. O documento conhece também o debate em curso nos anos posteriores ao Concílio e que desembocará na exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi* (1975). Oferece uma indicação profética: a catequese deve pensar-se sempre como dimensão evangelizadora. E isto clarifica também a insistência com que o parágrafo 19 convida a ligar a catequese e as suas diversas formas, não só como resposta às diferentes idades evolutivas, mas também como dimensão pastoral permanente, isto é, como estrutura para educação das comunidades à conquista dos objectivos pastorais de cada momento da vida²³.

Uma segunda aquisição enriquece o texto. O fim principal da catequese é definido como *maturidade da fé de cada um e das comunidades* (n. 21). O termo foi muito controverso, como já se aceitou, nos anos 60²⁴ e deixa transparecer perspectivas notáveis para a pedagogia catequística. De facto, o termo maturidade supõe uma análise dos objectivos, que tenha presente a natureza do acolhi-

²² Cf. D. GRASSO, *Evangelizzazione, Catechesi, Omilia*, in *Gregorianum* 42, 1961, 242-267.

²³ O *Directório* menciona alguns objectivos *pastorais*: a iniciação à vida litúrgica (n. 25), a colaboração na causa da unidade dos cristãos (n. 27), a partilha da missão eclesial no mundo (n. 28), a catequese sobre as últimas realidades (n. 29).

²⁴ Cf. *Amici di Catechesi, Le mete della catechesi*, LDC, Torino, 1960.

mento e da resposta dos destinatários, além da transmissão própria da Revelação²⁵. Além disso, a referência às comunidades e à sua maturidade abre caminho à relação profunda entre maturidade de cada um e vida da comunidade. Esta acentuação é reforçada pela afirmação de que a maturidade é o estabilizar-se do projecto de vida de Deus no indivíduo e na comunidade, o que comporta uma referência à vida quotidiana, muito mais intensa da que foi suposta pelo Concílio²⁶.

Estas indicações sobre a finalidade da educação da fé em vista da sua maturidade estão condensadas em algumas sugestões pedagógicas e metodológicas. Na transmissão da mensagem dever-se-á dar atenção, não só à integridade dos conteúdos, mas também à «*capacidade de quem recebe a catequese*» (n. 33) e tal empenho é descrito como atenção à linguagem (n. 34) — especialmente à interpretação dos textos bíblicos (n. 32) — e à quantidade das informações a transmitir segundo as idades evolutivas.

É dada notável importância à função do testemunho na educação da fé. Tema quase esquecido na reflexão posterior.

Crítérios e normas para a comunicação da mensagem cristã

A terceira parte enfrenta em dois capítulos a relação entre crescimento da fé, entendido como adesão total do homem a Deus, e a comunicação da mensagem. O primeiro capítulo pretende enfrentar a análise dos critérios para a exposição da mensagem. O documento já definiu o princípio geral onde colocar o problema dos conteúdos: na íntima relação entre mensagem e fé. Claramente se afirma que o factor principal da fé é a aceitação da mensagem, a adesão profunda, enquanto *atinge* a vontade do homem (n. 16) e, contudo, sente-se já a necessidade de mitigar esta espécie de «ke-

²⁵ O n. 24 afirma que a maturidade religiosa não pode ser entendida como simples experiência religiosa mas supõe a verdade de todo o projecto de Deus e da iniciação à vida eclesial. O n. 30 é ainda mais incisivo: «*portanto, a vida de fé admite graus diferentes... (pelo que) a catequese tem a função de favorecer o nascimento e progresso desta vida de fé ao longo de todo o arco da vida humana, até à total explicitação da verdade revelada e à sua inserção na vida do homem*».

²⁶ Conferir também os números 22-24: é função da catequese dispor os homens ao acolhimento da acção do Espírito; a catequese deve ser considerada como educação ao desenvolvimento de todas as autênticas aspirações porque a comunhão com Deus e a mensagem cristã, têm uma relação profunda com a vida humana.

rigmaticismo» com a indispensável ligação com a realidade humana do destinatário (ibid.). Portanto, nesta parte são tratadas em linhas gerais só algumas concretizações desse princípio.

Insiste-se de novo sobre a relação necessária entre a comunicação da mensagem e as várias formas de vida do destinatário. Insiste-se sobre a função da catequese para que habilite os crentes a interpretar, segundo a mensagem, a vida e as suas diversas situações (n. 37). Reafirma-se que a integridade do conteúdo deve ser entendida de forma dinâmica: a integridade deve ser tratada no sentido do essencial: é necessário ter presente todas as dimensões da mensagem, mais do que toda a mensagem, entendida em sentido material; a este propósito, convida-se ao uso de fórmulas breves da fé, aquelas que são capazes de unir a integridade com as situações dos destinatários; insiste-se para que a organicidade dos conteúdos não seja considerada só em termos teológicos (ortodoxia formal), mas sobretudo tendo presente «*as diferentes condições culturais e espirituais dos catequizandos*» (ortodoxia pedagógica), em vista de «*um conhecimento sempre mais profundo e vital da mensagem cristã*» (n. 38).

Posteriormente, o documento oferece três chaves de leitura «essenciais» para a organização integral e pedagogicamente eficaz dos conteúdos. Antes de mais nada, o cristocentrismo (n. 40) «*centro da mensagem evangélica*», que deve ser considerado como o grande caminho do conhecimento da fé. O teocentrismo trinitário fará compreender que cada «verdade» nasce da acção de salvação de toda a Trindade; tem esta como sujeito último e como termo vital. Por último, a natureza soteriológica: cada verdade é oferecida para a nossa salvação pelo que «*a catequese deve iluminar a íntima ligação do mistério de Deus e de Cristo com a existência e o fim último do homem*» (n. 42) ²⁷.

A última parte do capítulo aborda algumas questões de amplo alcance para a comunicação dos conteúdos da fé: a abertura à hierarquização da verdade ²⁸; a equilibrada historicização da

²⁷ Neste contexto teriam sido úteis mais alguns apontamentos sobre a dimensão escatológica do mistério cristão.

²⁸ É necessário respeitar as 4 notas fundamentais: o mistério trinitário, o mistério de Cristo, o mistério do Espírito que guia a Igreja e o mistério da Igreja, corpo místico de Cristo (n. 43).

lê²⁹, a relação entre exposição da doutrina da fé e organização didáctica³⁰.

É reservado pouco espaço para a questão das fontes da catequese (n. 45). São citadas só as fontes eclesíásticas, isto é, a Escritura, a Tradição, a Liturgia e a vida eclesial. Pelo contrário é esquecida a Revelação através da história dos acontecimentos dos homens³¹.

Algumas reflexões

A perspectiva do *Directório* sobre a natureza do serviço da catequese ao ministério da Palavra é entendida substancialmente como «anúncio da mensagem da salvação»³², como transmissão da fé-mensagem, em continuidade com os textos conciliares. Todavia, o texto aparenta pender mais para a dimensão histórica, tanto da Revelação como da resposta humana da fé; e isto aparece sobretudo no assumir de dois termos: a catequese é descrita como *acção eclesial* (não só doutrina, portanto), que tem como finalidade a maturidade de fé do indivíduo e da comunidade e é entendida como *projecto de vida* construído à luz do projecto de Deus centrado em Cristo (todo o n. 21)³³.

Aparece evidente no documento o esforço para ordenar de modo dinâmico e pedagógico as duas componentes estruturais da catequese: a salvaguarda da transmissão da mensagem da fé e o acompanhamento para o acolhimento da mesma, isto é, a educação da fé. Reforça-se, de facto, a necessidade de ligar a mensagem com a vida quotidiana dos destinatários e, ainda assim, a de manter

²⁹ A Revelação é-nos dada para mudar a história; a catequese deverá dar esta interpretação referindo-se continuamente a Cristo; reconhecendo na história os sinais da presença do Espírito, abrindo os corações à esperança escatológica (n. 44).

³⁰ O texto faculta critérios importantes: a opção *teológica* (de Deus ao homem), *antropológica* (do homem a Deus), *pastoral* (segundo as condições concretas em que se encontra a comunidade) (n. 46).

³¹ O texto limita-se a afirmar que o catequista deverá notar como o projecto de Deus se realiza no nosso tempo (n. 45).

³² Expressiva parece ser a afirmação de que «o mistério anunciado e ensinado atinge profundamente a vontade de viver, o profundo desejo de plenitude, a viva esperança da felicidade futura que Deus colocou no coração de cada homem e elevou, com a sua graça, à ordem sobrenatural» que deixa transparecer uma excessiva atenção à dimensão cognitiva da fé e pouca atenção às componentes sociais, culturais e psicopedagógicas.

³³ Todavia as anotações de método limitam-se a indicar o cristocentrismo e a doutrina conciliar sobre a hierarquia das verdades como pontos centrais da pedagogia da fé; o tema será retomado nos nn. 43 e 39.

íntegro o depósito da fé. O caminho didático proposto articula-se em três opções; o cristocentrismo (que pode gerar uma verdadeira seqüela), a atenção às idades evolutivas (também através do princípio conciliar da hierarquia das verdades), a função de colocar continuamente em relação fé e situações vitais do destinatário.

Todavia o documento não consegue apagar a sensação de que a Revelação e o serviço eclesial da Palavra são entendidos prevalentemente em termos intelectuais, ou seja, como qualquer coisa que tem a ver antes de mais com o «conhecimento». O passo em frente efectuado consistiria, portanto, na função «interpretativa»³⁴ que a catequese adquire. Não está ainda muito ligada a uma visão iluminista da Revelação? Nascem problemas de não menor importância da questão dos critérios para levar a termo este acto interpretativo e hermenêutico e de qual seja o lugar das ciências humanas em tal acção.

Por último sublinho que todo o processo, considerado do ponto de vista do destinatário, poderia ser reduzido a uma pedagogia que roça o cognoscivismo: o primeiro motor da adesão à fé-projecto é a doutrina (obviamente revista segundo as novas expressões conciliares, mas sempre «doutrina»). Notáveis estudos de didáctica e de pedagogia da religião, além da experiência dos catequistas, põem muito em dúvida este enquadramento.

3. O CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA

Como qualquer texto comprometido também o *Catecismo da Igreja Católica* tem um ponto de partida pré-constituído, quase um não dito ou um não explícito. Neste caso esse é o conceito de catequese dentro do qual se moveram os redatores. Não sabemos ao certo se, anteriormente, o conjunto dos operadores que colaboraram nas diferentes redacções, fizeram um *briefing* para verificarem os seus pontos de partida pessoais³⁵.

³⁴ Este é, certamente, um dado inovador do documento. Como afirma Goretti, a catequese deve ser entendida como itinerário que leva a fé a tornar-se ponto de referência da vida pelo que «a própria verdade é aceite se for relevante e significativa».

³⁵ Pelo contrário, conhecemos com maior exactidão o *contexto* e os pontos de *referência* expressos no projecto do documento. O contexto não declarado, mas facilmente encontrado, é o embaraço de muitos padres sinodais (do Sínodo Extraordinário a 20 anos do Concílio) e bispos da Igreja Católica sobre a fragmentação existente na comunicação e aco-

A pesquisa do conceito de catequese próprio do Catecismo deve, portanto e preferencialmente, fazer referência às fontes externas do texto, mas nem por isso menos significativas para o mesmo texto.

O pedido do catecismo único

O *relatório final* do Sínodo Extraordinário dos Bispos de 1985 exprimiou o desejo da composição de um *catecismo ou compêndio* de toda a doutrina cristã no que diz respeito à fé e à moral. O que é que entendia pedir? A declarada incerteza sobre o nome deixa transparecer o embaraço sobre a natureza da operação. Seria reductivo pensar que os Bispos pediram um regresso à situação anterior assinalada pela fixidez das afirmações e pela univocidade da cultura europeia na interpretação e na transmissão da mensagem da Revelação. Não é o pedido de regresso ao «catecismo». Não está em jogo o lugar da inculturação ou a natureza histórica da Revelação, mas a preocupação pastoral de que as diversas inculturações e adaptações não apresentem, com clareza, o núcleo da fé e possam perder de vista a unidade da Igreja ³⁶.

A incerteza dos Bispos aparece ainda por via de dois pedidos. Primeiro, que tal compêndio seja pensado e orientado para a vida actual dos cristãos. Tal adaptação está em continuidade com as preocupações antropológicas e experienciais do Concílio e do *Directorio*. Em segundo lugar, pede-se que a «*apresentação da doutrina deve ser bíblica e litúrgica*». Também esta preocupação pertence à tradição pós-conciliar ³⁷. (Todavia pode-se discutir se se deve entender a acção catequística como uma actividade centrada sobre a comunicação da doutrina, que se serve da Escritura, ou como transmissão da Escritura, ajudada pela doutrina ³⁸).

lhimento da fé cristã: cf. CT 18; também Ratzinger, *Rapporto sulla defe*, Edizioni Paoline, Roma, 1985, 27; fala de «catequese fragmentada». Pelo contrário, a referência objectiva é o pedido feito pelo Sínodo extraordinário de 1985, para se ter um instrumento de unidade no anúncio da fé no interior da vida eclesial.

³⁶ «Também aqui, portanto, o Sínodo foi fiel ao princípio, por ele proposto, da pluralidade da unidade» W. Kasper, *Commento in Il futuro dalla forza del Concilio, Sinodo straordinario dei vescovi 1985*, Queriniiana, Brescia, 1986, 79. Além disso, os relatórios dos grupos linguísticos mostram posições muito variadas e tendentes a enquadrar o pedido dentro de uma ideia clara de catequese atenta a todo o processo de comunicação da fé.

³⁷ O mesmo documento reproduz o debate sobre a interpretação da Escritura: não é proibida a análise histórico-crítica do texto bíblico, pede-se só que se leve por diante esta pesquisa em sintonia com a Tradição viva e a interpretação autêntica do magistério (B,a,1).

³⁸ O DCG parece ir na segunda direcção (cf. termos *acção eclesial e projecto*) enquanto o cardeal Ratzinger defende a necessidade da primeira modalidade; veja-se mais adiante.

Portanto, deste texto esperar-se-ia um catecismo com o fim de orientar e estimular a actualização da Revelação de todas as situações vitais; um texto capaz de sugerir a ligação entre a tradição da fé e as situações culturais e pastorais locais. Um texto aberto à iluminação dos sinais dos tempos. Neste sentido, a ideia de catequese, subentendida no pedido dos padres sinodais, encontra-se em continuidade com a reflexão iniciada no Concílio.

As observações e preocupações patenteadas no debate destes anos.

As observações feitas nestes anos aos diferentes esquemas do Catecismo deixam transparecer a preocupação pelo regresso prevalente do conceito de catequese ligada à transmissão da verdade e incapaz de assimilar as indicações conciliares sobre a natureza histórica da Revelação e a multiplicidade das fontes de que haurir.

Foi sublinhado o uso inoportuno da Escritura tendente a demonstrar e não a ouvir a exposição da fé.

A Revelação seria uma fonte onde procurar afirmações seguras mais do que o lugar hermenêutico para compreender a história actual.

O medo de que desapareça a possibilidade de inculturação, isto é, que o texto substitua os catecismos locais (considerados como instrumentos capazes de mediar Revelação e situação local ou sinais dos tempos) é um temor pastoral, mas deixa transparecer que os redatores pensam que a inculturação não é epistemologicamente inerente ao acto catequístico.

As respostas do cardeal Ratzinger vão na linha do acolhimento das observações e confirmam que a intenção é a de favorecer a clarificação sobre a doutrina a conservar nos diferentes processos de inculturação, porque o elemento determinante do processo catequético é a integridade dos conteúdos e *«por sua natureza o catecismo é um 'compêndio' das verdades da fé»*. Isto não deve ser entendido no sentido de que a finalidade da catequese seja a transmissão da verdade, mas que o objectivo da catequese (a maturidade da fé do cristão) deve conseguir-se, prevalentemente, através da transmissão das verdades que se devem crer, viver e esperar.

As intervenções do Papa

De importância notavelmente diferente são as intervenções que o Papa fez nestes anos para estimular e guiar a redacção do *Catecismo*³⁹. Entre elas deve contar-se a referência explícita à *Catechesi Tradendae*. Naquilo que nos interessa, é necessário examinar os parágrafos 18 e 20.

No primeiro, é afirmado que o documento pontifício se liga às indicações do *Directório Catequístico Geral* (ns. 17-35) naquilo que se refere à definição de catequese. No entanto «*perante as incertezas no campo prático*» o Papa quer recordar os elementos essenciais para uma compreensão exacta da catequese.

Ela é entendida como *educação da fé* interpretada como *vida cristã* (noutro lugar diz-se explicitamente *discipulado*, 1, 5, 19, 20). A catequese atinge esse fim «*de modo especial (com) um ensinamento da doutrina cristã geralmente feito de modo orgânico e sistemático*».

No parágrafo 20 é retomado o mesmo conceito referindo-o ao cristocentrismo: «*a catequese, portanto, há-de tender a desenvolver a inteligência do mistério de Cristo à luz da Palavra, a fim de que o homem todo seja por ela impregnado*».

É esta acção pedagógica que, juntamente com a dimensão da graça, permite ao crente adquirir os traços do discípulo e pode ajudar a maturar a própria vocação baptismal.

Sucessivamente (n. 27) será afirmado que a transmissão da mensagem deverá ser feita privilegiando as fontes da Tradição, da Escritura e da Liturgia. Também é sublinhada a necessidade de manter a integridade dos conteúdos (n. 30) e de seleccionar os métodos e as indicações pedagógicas que ajudam o destinatário a «*captar melhor um conteúdo que deve permanecer intacto*» (n. 31).

Palavras ainda mais claras aparecem na constituição apostólica que introduz o Catecismo: O Papa reconhece que a catequese deve «*responder a esta dupla exigência*»: a transmissão do ensinamento autêntico da Igreja e a exigência «*que ajude a iluminar, com a luz da fé, as novas situações e os problemas que ainda não tenham*

³⁹ Bissoli observa com exactidão que «não se pode honestamente dizer que o Papa sugira a ideia de um catecismo único em sentido estrito, e por outro lado nem a ele nem ao Sínodo parece suficiente referir-se ao *Directório Catequístico Geral*, embora renovado».

aparecido no passado» (FD 3). Para fazer isto a catequese «*deve apresentar, com fidelidade e de modo orgânico, o ensinamento da Sagrada Escritura, da Tradição viva na Igreja e do Magistério autêntico»* e da vida da Igreja (ibid.). Nem sequer é silenciada a necessidade da hermenêutica das fontes da mensagem: «*(o ensinamento) deve ter em conta as explicitações da doutrina que, no decurso dos tempos, o Espírito Santo sugeriu à Igreja»* (ibid.).

O Dossier informativo

A quarta indicação para compreender a ideia da catequese que orienta o texto do Catecismo é o *Dossier informativo* a cargo da Comissão editorial para o próprio Catecismo. Neste documento afirma-se claramente que ele deve ser entendido como «*o texto que contém as verdades cristãs fundamentais, formuladas de maneira clara, de modo que resulte fácil a sua compreensão, aprendizagem e aceitação viva»*⁴⁰. Isso é ainda recordado quando se expõe a sua natureza definindo-o como «*instrumento para transmitir os conteúdos essenciais da fé e da moral de modo completo e sintético»* e «*exposição positiva e serena da doutrina católica»*. A sua compilação teve em conta o actual contexto sócio-cultural-eclesial nos traços universalmente válidos evitando, porém, as indicações pedagógicas e as aplicações metodológico-didáticas⁴¹.

Além disso, o texto oferece indicações⁴² metodológicas que fazem compreender, ulteriormente, o quadro conceptual: o princípio da hierarquia das verdades é interpretado como «*proximidade de cada verdade ao núcleo central da fé e, portanto, a interdependência das verdades cristãs, que se evocam e integram reciprocamente»*. A propósito dos «resumindo» diz-se que «*favorecem a aquisição de uma clara identidade e de uma linguagem comum da fé; ajudam concretamente a passagem da doutrina à catequese...»*.

Algumas intervenções do cardeal Ratzinger

Para compreender o conceito de catequese pode ser útil, além disso, investigar alguns aspectos catequéticos expostos pelo cardeal Ratzinger.

⁴⁰ *Dossier informativo*, 1992, p. 9.

⁴¹ Ibid. pp. 21-22.

⁴² Ibid. pp. 24-25.

Numa famosa conferência feita em Lião e em Paris, em Janeiro de 1983, podem-se encontrar alguns sublinhados notáveis. A preocupação a que o autor se refere com mais intensidade é a separação entre Bíblia e dogma na transmissão da fé às novas gerações. É a catequese que sofre muito, porque sem a relação vital com o dogma, perde-se a tradição viva da Igreja numa tentativa de selecção de textos, efectuada com critérios dúbios, ou numa mutilação das verdades mais significativas. O tema da Revelação está, portanto, ligado intimamente e de modo privilegiado com a comunidade cristã e com a função magisterial nessa mesma comunidade. Penso que se possa ligar esta posição com a frase conciliar sobre a interpretação da Escritura ⁴³.

O texto toma posição também sobre o tema da *fé*. O lugar interpretativo fundamental deve ser a confissão baptismal e as verdades que transmite. Isto indica-nos uma dupla dimensão da própria fé. Em primeiro lugar, que o objectivo é o conhecimento de Deus, entendido como o «reencontrar e realizar a vida — a verdadeira vida» ⁴⁴. Isto deve ser a função e o conteúdo da catequese ⁴⁵ e tal função realiza-se assegurando a transmissão autêntica do conhecimento de Deus que dá a vida. Em segundo lugar «a fé não é somente um 'eu' e um 'tu', mas também um 'nós'... (pelo que) todas as vezes que se pensa poder descurar, na catequese, totalmente ou em parte, a fé da Igreja, com o pretexto de ir buscar à Escritura um conhecimento mais directo e mais exacto, entra-se no campo da abstracção».

A sugestão concreta para a catequese consiste na renovação dos artigos dos catecismos segundo as quatro componentes fundamentais: o Símbolo, os Sacramentos, o Decálogo e o Pai Nosso, como no *Catecismo de Trento*.

⁴³ Cf. DV 12, EV 1, 893: doutrina da interpretação com «o mesmo espírito com que foi escrita» que deve ser, todavia, ligada com o mesmo número (EV 1, 892) sobre a necessária referência aos géneros literários.

⁴⁴ Ratzinger, faz aqui uma ligação directa com o texto do *Catecismo Romano*, art. X e acrescenta que o conhecimento da fé deve ser entendido de modo diferente do conhecimento humano porque é um «conhecimento fundamental... graças ao qual tomamos consciência do nosso fundamento; aprendemos a aceitá-lo e, graças a ele, podemos viver». É claro o esquema conhecimento-adesão pelo qual é fundamental garantir a transmissão exacta do objecto do conhecimento.

⁴⁵ «Portanto o dever essencial da catequese é o de levar ao conhecimento de Deus e do seu Enviado, como diz, exactamente, o *Catecismo de Trento*».

O prefácio do Catecismo

O próprio texto do Catecismo apresenta alguns parágrafos em que se evidencia o conceito de catequese. No *prefácio*, alguns parágrafos são dedicados a apresentar o dever da transmissão da fé e da catequese. Esta é apresentada em íntima ligação com as indicações da *Catechesi Tradendae*, 1,2,18,20-22, textos já investigados nesta exposição.

Conclusão

Talvez seja possível expressar algumas indicações finais depois desta rápida reconstituição dos textos e contextos catequéticos dos três documentos objecto da pesquisa. A autoconsciência actual da Igreja parece confirmar as intuições do movimento catequético adoptadas pelo Concílio. A catequese é definida como transmissão da mensagem da fé e de modo que o homem e a comunidade possam crescer na resposta até atingir a maturidade da vida nova em Cristo. A entrega do *Catecismo da Igreja Católica* às comunidades diocesanas quer sublinhar que, no serviço catequístico, dever-se-á dar atenção à correcta transmissão da doutrina para que se possa alcançar o objectivo de favorecer o desabrochar da vida cristã em toda a plenitude nos diferentes contextos do nosso tempo.